



Julián Axat

A História de Carlos A. Disandro



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Julián Axat

A História de Carlos A. Disandro



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Quem passou pelo Colégio Nacional de La Plata ouviu alguma vez a anedota sobre Carlos Alberto Disandro, professor de letras dessa casa de estudos entre os anos 60 e 70, especialista em recitar em voz alta poemas em latim, sempre escoltado por um grupo de inspetores do CNU que o aguardavam com os ferros sobre a carteira antes que o mestre entrasse na sala de aula, e depois erguiam seu braço direito, imitando o gesto do führer.

De origem humilde, o “Papa Branco”, como gostavam de chamá-lo Carlos Disandro seus discípulos, nasceu em La Plata em 1919, mas se transferiu para Córdoba na adolescência, lugar onde estudou no exclusivo Colégio Monserrat. Ali toma contato com quem seria seu mestre espiritual, o filósofo Nimio de Anquín, que, assim como o filósofo Carlos Astrada, retornava de ter assistido na Alemanha às aulas de M. Heidegger e E. Cassirer.

Por então Nimio de Anequín¹ passa a ser conhecido como fundador da União Nacional Fascista Católica de Córdoba (1936), organização com marca independente e com posição mais radicalizada e – paradoxalmente – menos aristocratizante do que o integrismo-clerical-lefebvrista que vinha sendo pregado em Córdoba. Como sustenta Pancho Aricó, Nimio é uma rara avis com forte influência de José Antonio Primo de Rivera, para quem a Falange reunia a expressão da divindade, espada para combater a doutrina “diabólica” do comunismo internacional².

Ao formar-se bacharel em Córdoba sob a influência de Nimio de Anquín³, Disandro retorna à sua cidade natal, onde pouco depois se forma como Professor e mais tarde como Doutor em Letras, com uma tradução e tese introdutória sobre a poética de Lucrécio (*De Rerum*

1 Ver Nimio de Anquín em: http://en.wikipedia.org/wiki/Nimio_de_Anqu%C3%ADn

2 Em César Tcach, Universidade Nacional de Córdoba – CONICET, *Revista Estudios DIGITAL* nº 22 – *A direita ilustrada: Carlos Ibarguren, Nimio de Anquín e Lisardo Novillo Saravia (h)*. Ver: <http://www.revistaestudios.unc.edu.ar/articulos02/articulos/tcach.php>

3 Mais tarde, Disandro lhe dedicará uma obra: Disandro, Carlos: *Nimio de Anquín; filósofo*, Córdoba, Inst. San Atanasio, 1981.

Naturam), agora apadrinhada pelo professor de latim e poeta Arturo Marasso⁴.

Ao introduzir a obra de Lucrécio, Disandro centra sua análise em minimizar a influência do atomismo de Demócrito e do hedonismo de Epicuro (o excesso de atomismo será lido como puro materialismo) em função de fortalecer uma cosmologia espiritualista própria do romantismo hegeliano⁵. Nesses termos, a natureza seria uma representação do espírito e epifania poética, e não meramente átomos e vazio, próprios – no dizer de Oswald Spengler – do início da “decadência do Ocidente”. Este parágrafo resume seu olhar sobre a obra lucreciana: “... A estrutura, enunciação e prova dos princípios, verificação dos mesmos na realidade sensível, amplo campo de observação e análise, acrescenta-se a descoberta e a experiência pessoal de uma realidade indeterminada, rica e repleta de uma vida misteriosa, que é o centro para os olhares do poeta... há em Lucrécio um materialismo das coisas, vivas e atuantes, e não um materialismo da matéria morta, inoperante e negadora... se há muito de trágico em Lucrécio não é certamente por causa de um materialismo ateu, desdenhoso e sacrílego, nem tampouco por essa estranha perduração no ambiente romano, depois de tão admiráveis iluminações como as de Píndaro, Platão e Aristóteles, de uma física mítica, em contraposição a uma nova física de explicação mais universal, mas precisamente por essa indestrutível transformação de seu mundo espiritual à condição, conteúdo e limites de sua experiência”⁶.

4 DISANDRO, C. A., *A poesia de Lucrécio*. Publicações da UNLP, 1950.

5 A tese de Disandro sobre a poética de Lucrécio supõe a construção de um sistema de coerência da realidade sensível por meio de uma frutificação espiritual com o mundo material, em contato direto dos sentidos com a natureza. A natureza da poesia lucreciana exigiria uma viva assimilação de todas as ideias à virtualidade plástica que a distingue. A visão cosmológica de Lucrécio se basearia nos múltiplos aspectos da natureza, em sua legalidade infrangível (nascer, crescer, morrer), aplicável também aos astros e demais corpos, na eternidade e infinitude das sementes e do vazio, na individualidade essencial de cada coisa, na combinação dos elementos, na constituição do homem e na função dos sentidos. Há estudos que ressaltam a plasticidade das descrições no que se refere às imagens da natureza. Disandro sustenta que Lucrécio utiliza quatro tipos de apreciações para aproximar-se dela; de um lado, a impressionista, com suas admiráveis passagens que despertam intensas emoções, como os últimos versos do livro IV; também a naturalista, a explicativa ou a reconstrutiva. Sobre esse ponto de vista de Disandro, ver: Alfonso José Martínez Ruiz, *A concepção fisiológica da natureza na obra de Lucrécio*. Ver notas 139 e 140 – <http://openaccess.uoc.edu/webapps/o2/bitstream/10609/7624/1/amartinezrTFC2705.pdf.pdf>

6 DISANDRO, C. A., *op. cit.*, p. 22, 33 e 41.

Durante o primeiro governo de Perón, Disandro segue os passos de seu mestre Nimio de Anquín, que, depois de ter sido afastado de seu cargo por sua oposição ao governo da década infame, passa a acessar o cargo de Professor titular de Lógica na Universidade Nacional de Córdoba⁷. Em 1944, Disandro também acessa o cargo de Professor de Línguas Clássicas da UNLP; e três anos mais tarde (1947) recebe das próprias mãos do General Juan Domingo Perón o diploma de professor titular da mesma cátedra. Trabalho que alternou como funcionário da Secretaria de Trabalho e Previdência, além de colaborar com o processo de reforma universitária que levou à Lei 13.031⁸.

Diferentemente de seu mestre Nimio de Anquín, de origem claramente aristocrática, mas insinuando posturas clericais populistas, o fervor com que Disandro assume a causa peronista – seguramente – encontra-se associado a uma genuína origem plebeia que até então negou com erudição latina; daí que isso lhe sirva para assumir, legitimar ou fazer-se reconhecer com capacidade para engendrar um pensamento nacional-popular que cruza o culto e o popular sob a tríade: a) o clericalismo ultrapatriótico-populista- antisemita (Nimio de Anquín);

b) o estudo das letras clássicas (Marasso) como necessidade de um cristianismo que se nutre dos padres gregos (tomismo); c) o pensamento político-filosófico do primeiro peronismo, isto é, “A comunidade organizada” (Juan Domingo Perón – e em especial Carlos Astrada, Primeiro Congresso Nacional de Filosofia, 1949)⁹.

Nas atas desse Primeiro Congresso Nacional de Filosofia de 1949, Disandro não figura como conferencista, e sim seu mestre Nimio de Anquín. Alguns sustentam que podem tê-lo esquecido, ou então que à época era considerado apenas um simples docente mais próximo da literatura e das línguas mortas do que da filosofia. Há quem sustente

7 Alberto Buela, *Nimio de Anequín, entre o Ser e a Pátria*. Ver: http://www.pensamientonacional.com.ar/docs.php?idpg=buela/0088_de_anquin.html

8 Veja a polêmica e pouco neutra página da Wikipédia que seus discípulos montaram: http://es.wikipedia.org/wiki/Carlos_Alberto_Disandro

9 Veja *La Comunidad Organizada*, cuja redação muitos atribuem a Astrada: <http://www.62regionalrosario.com.ar/archivos/5077archivo.pdf>

que Disandro assistiu ao Congresso como simples ouvinte, e até organizou em paralelo um contra-congresso cujo objetivo era pensar a aproximação do peronismo com o catolicismo¹⁰.

Com a Revolução Libertadora de 55, Disandro é removido de sua cátedra na UNLP junto com 4.000 professores em todo o país, incluindo seu mestre Nimio de Anquín em Córdoba. Durante a proscrição peronista, inicia-se uma etapa de vasta produção intelectual que se divide em três. Uma panfletária, outra puramente literária ensaística e outra poética.

Na obra panfletária destaca-se a criação e direção da revista *La Hostería Volante* (1959), título tomado do romance homônimo de G. K. Chesterton, e na qual congrega alguns seguidores que começam a trabalhar o conceito de conjura ou sinarquia em função de Os Protocolos dos Sábios de Sião. Disandro prefere chamar a sinarquia de “Frente do Algodão”: conspiração dos brandos com capacidade de serem infiltrados (jesuítas, bolcheviques, marxistas, judeus sionistas) para servir à coalizão dos inimigos duros da pátria (os católicos antiperonistas, integristas, maçons e militares golpistas), sustentados pela Sinarquia mundialista no poder”¹¹. Aqui o panfleto de Disandro não parece ser muito original nem se distanciar das ideias preconcebidas pelo próprio Perón quanto à conspiração da Sinarquia como causa da interrupção de sua segunda presidência¹². Ademais, os trabalhos de Disandro sobre a sinarquia¹³ não se afastam muito das produções intelectuais de Gustavo Martínez Zuviría

10 A anedota me foi contada por um licenciado em Letras e especialista em latim da UNLP.

11 Carlos A. Di Sandro, *La Hostería Volante*, nº 50. Ver: <http://perso.wanadoo.es/presanacional/Conceptos%20Fundacionales.htm>

12 *La Hora de los Pueblos*: <http://www.lucheyvuelve.com.ar/Peron%20Define/sinq.htm> Pode ser visto uma interessante análise sobre o conceito de “conspiração” no peronismo no trabalho de Horacio González: *Filosofia da Conspiração. Marxistas, Peronistas e Carbonários*. Buenos Aires: Colihue, 2004.

13 Diz Luis Fernando Beraza sobre Disandro: “Em seu livro *A conspiração sinárquica e o Estado argentino*, ele repete a velha teoria conspiratória dos anos 1930 dos grupos nacionalistas, segundo a qual a máfia judaica quer se apoderar do mundo utilizando como instrumentos os anglo-norte-americanos. Como o peronismo era um obstáculo a essa política, seria preciso extirpá-lo por meio de uma forte repressão ou infiltração”. Para Disandro e seus seguidores, os setores da esquerda peronista “eram esquerdistas infiltrados que faziam parte desse plano diabólico. Demasiado burdo, mas, naquela época, eficaz para lançar a andanada contra os esquerdistas que afetavam nosso ‘ser nacional’”.

(Hugo Wast)¹⁴, ou do padre integrista-lefebvrista Julio Meinvielle¹⁵ (salvo pelo profundo antiperonismo deste último)¹⁶.

Em paralelo à sua produção panfletária, Disandro inicia, em 1960, uma fase como ensaísta literário, editando seus próprios livros pela *Hostería Volante* e abordando a obra poética de Leopoldo Lugones. Em seguida, dedica-se a R. M. Rilke, São João da Cruz, Luís de Góngora, Lope de Vega, Dostoiévski etc. Em todos esses casos, repete o método ensaiado para tergiversar Lucrécio em sua tese de doutorado: trata-se de sair de uma fase de cosmovisão materialista-literária para destacar outra, mais elevada ou vinculada ao conceito romântico de “Volkgeist” (espírito do povo)¹⁷ ou ao super-homem hiperbóreo nietzschiano¹⁸.

Finalmente, em julho de 1972, Disandro publica – em sua editora – seu único livro de poemas, ao qual dará o título: “Sonetos – à glória do fogo”. O poema está dividido em três ciclos e em quarenta sonetos à espanhola, com uma ordem fixa (ao estilo de Lope de Vega) de duas quadras e dois tercetos.

O classicismo de Disandro busca a exquisitez dos versos em formas fixas hispânicas, mas com imagens próximas ao romantismo francês e alemão, na busca dos arcanos maiores e menores (P. Valéry), que guiam o poeta passional rumo ao graal (para sair da escuridão em

14 Sobre Martínez Zuviría y Los Protocolos de los sabios de Sión, véase Horacio Verbitsky, *Cristo Vence*, Tomo I De Roca a Perón. Edit Sudamericana, 2007. Pág. 116/117.

15 Véase: http://www.juliomeinvielle.org/libros/Iglesia%20y%20Mundo%20Moderno/Igl%20Mund%20Mod%20corr%20mar07_01.pdf

16 Disandro va a seguir profundizando la idea de Sinarquía antes de morir, así en 1988 decía: "En cuanto a la concentración sinárquica – que es esencialmente una concentración de poderes- ella significa en pocas palabras la construcción progresiva de un gobierno mundial, que tenga no sólo auctoritas y potestas, sino sobre todo imperium. Ese gobierno así entrevisto dialécticamente, estaría integrado según H. Kissinger por tres estamentos: 1) cúpulas decisionistas – o sea las que tienen imperium en sentido estricto; 2) senado de las multinacionales, que comparte su potestas con las cúpulas; 3) pueblos, naciones o estados, con minúscula, que formarían la base, el territorio geopolítico que recepta los impulsos revolucionarios o las normas operativas, y a quienes se les otorga una franja de auctoritas, variable según cambiantes condiciones globales o estratégicas. El imperium decide; la potestas consolida el poder mundial organizado, articulado, potenciado en su organicidad tecnocrática; la auctoritas hace crecer el empeño de la esclavitud mundial en el territorio mostrenco de los pueblos sometidos (...)" (Cf. Carlos A. Disandro, *Segunda Guerra de la Independencia y Tercera Guerra Mundial*, La Plata, Ediciones Hostería Volante, 1988, pág. 60).

17 A ideia filosófica de Di Sandro sobre a poesia anti-marxista e anti-materialista está sintetizada na dissertação *Poesía Contra*. Ver: http://perso.wanadoo.es/presanacional/poesia_contra.htm

18 Assim, escreve Carlos Disandro: “*Resonancias hyperbóreas*” — que remete às leituras nietzschianas — recorda as interpretações feitas pela irmã do filósofo; ver “*Resonancias hyperbóreas*” em Metapedia.

que está imerso): “... O último candor da tormenta / era cárdeno, mágico e ditoso: / desde nuvens violáceas, silencioso / tornava em luz a tarde, livre e lenta. / No pausado réquiem com que ostenta / seu decoro sutil e misterioso / cada fronde era intróito trêmulo / e nobre graça cada cume atento. / Mas aprofundava o fosco e célere rito / a esperança de um mundo dominado pelo gesto total da tormenta. / No sombrio centro apenas um grito / audaz como a terra e consagrado / pela ânsia do fogo que o alenta” (Soneto 17)

O último poema parece profetizar o tempo por vir de Disandro, um tempo de escuridão e de cruzadas:

“Cantei piedosamente o fogo
em tempos de seu reino obscurecido
para salvar sua chama do esquecimento
e celebrar sua glória no sossego.
O sacrifício arcaico que desvelo
é o fogo no sopro estremecido
e em suas arcanas ondas o gemido
é vigor de uma terra em seu trasiego.
Cantei piedosamente o mundo
onde ergue sua casta ressonância
o ígneo poder que salva e funda.
E neste sopro nítido e profundo
consagra a virtude de sua substância
a chama virginal, que o circunda.” (Soneto 40)

Apesar de vencer vários concursos entre 1955 e 1972, Disandro não é reincorporado ao seu cargo até a anistia de 1973, passando a acessar a mesma cátedra de Línguas Clássicas que havia perdido após 18 anos. Inicia ali sua atividade no espaço acadêmico de La Plata, doutrinando como guia espiritual as novas juventudes que bebem do claustro a partir do peronismo católico de direita ou de organizações como Tacuara ou sindicalistas ortodoxas. A área de influência de Disandro torna-se cada vez maior entre os grupos de estudantes em torno de sua figura intelectual que marca a linha, enquanto faz o possível para alimentar a crença de ser o delfim de Perón, exibindo sua correspondência com o líder na qual este expressamente o incita a ter seguidores¹⁹.

É verdade que Disandro e Perón trocaram correspondência algumas vezes. Ora bem, dado que Perón desconhecia profundamente o mundo universitário, confiava em personagens como Disandro, que ao menos lhe asseguravam a inserção de alguns conceitos que lhe interessava que se reproduzissem nesses cenários, e nos quais – claramente – coincidiam (refiro-me ao conceito de sinarquia). Estudos recentes mencionam que a confiança de Perón em Disandro foi conquistada graças à sua atividade como delator por correspondência, em especial sobre a trama dos intelectuais eclesiásticos após o Onganiato²⁰.

Nasce assim, em torno da figura de Carlos A. Disandro, um grupo de seguidores que irão formar a Concentración Nacional Universitaria (CNU). Sua área de influência se movimenta entre La Plata – Mar del Plata – Córdoba. As faculdades de Direito, História e especialmente Letras. A chefia política fica a cargo de Patricio Fernández Rivero, aluno

19 Só se conhecem três cartas nas quais eles trocam pareceres gerais, e há um encontro entre ambos, no qual Disandro conseguiu ser fotografado junto a Perón. Ver a correspondência supostamente genuína, publicada na Internet por setores afins a Disandro: http://es.metapedia.org/wiki/Correspondencia_Perón_-_Disandro

20 Assim, Eduardo Gurrucharri: *Un militar entre obreros y guerrilleros*, Buenos Aires, Colihue, pp. 160–163.

direto, mas também namorado da sobrinha de Disandro, María Disandro²¹.

É Patricio Fernández Rivero por meio de quem a CNU começa a operar no âmbito universitário platense-marplatense, combatendo tudo o que soe a marxismo e reformismo dentro das fileiras peronistas. Ao mesmo tempo, reivindicam o retorno da Lei 13.031, na qual Disandro trabalhou no primeiro governo peronista.

Desde sua fundação, a CNU estabelece profundos laços com a CGT de Rucci. Em definitiva, transformam-se em uma organização de quadros, a maioria armados, com contatos importantes com o sindicalismo (o sindicalismo metalúrgico os utilizava ou complementava como grupos de choque).

Durante 1973, Disandro escreve um panfleto com o qual pretende refutar as ideias de J. P. Sartre, com forte impregnação no pensamento peronista da esquerda universitária, e a quem considera um elemento do sionismo sinárquico. O título é um remedo de “O existencialismo é um humanismo”; e se intitula: “O Humanismo Político do Justicialismo”. Extraio aqui um parágrafo central: “o Justicialismo é um humanismo, na medida em que parte ou supõe uma filosofia do homem, uma filosofia da história; e é um humanismo político, na medida em que pretende afirmar as premissas que configuram a existência do Estado, as características da vida política como um ato criador, as condições de um governo que signifique a justiça, a ordem, a paz, o trabalho, a piedade, etc. Mas, como humanismo, se confronta, se contrapõe e dirime com outras regimentações que também se consideram humanistas, e que pretendem igualmente derivar consequências políticas, que devemos estabelecer, criticar e rejeitar. Refiro-me em particular às formas do liberalismo, do marxismo e do desenvolvimentismo, aos quais me referirei sucintamente e de modo especial. Dessa referência se deduzirão ao mesmo tempo as

21 María Disandro, filha do irmão de Carlos Disandro, mantinha um relacionamento com Fernández Rivero, a quem o latinista e ideólogo da CNU, por sua vez, conhecia de suas aulas de literatura. Declaração de Mirta Clara: *Juicio por la Verdad*, audiência de 23/4/07.

características positivas do Justicialismo e as consequências políticas de suas premissas”²².

Com o tempo, como já dissemos, Disandro será nomeado por seus seguidores como uma espécie de Grão-Mestre ou “Papa Branco” (o grande pai branco da loja). Do viveiro de arautos negros²³ que foi gestando com dedicação, podem distinguir-se dois tipos de perfis próprios da CNU: aqueles com alguma erudição e fôlego intelectual, capazes de reproduzir um refrito em latim da Espada Lugoniana dentro das salas de aula ou de realizar trabalho de superfície; e aqueles que mal compreendiam o ABC de seus conceitos e serviriam como sicários, capangas para alimentar o sindicalismo ou os esbirros da Triple A que já se gestava.

Nenhum dos esbirros de Disandro se caracterizou por ser um bom poeta de direita (como tampouco ele próprio conseguiu sê-lo, apesar de sua admiração por Lugones, Céline ou o recente Bruno Vidal), mas sim por terminar como simples assassinos de aluguel, ou como docentes medíocres de escola ou universidade. Ou como protagonistas de episódios policiais conhecidos em sua época e que hoje poucos recordam²⁴. Algumas notas jornalísticas começam atualmente a mencionar seus discípulos com nome e sobrenome²⁵, enquanto segue sendo investigada toda a participação da CNU em crimes contra a humanidade²⁶.

Em 1975, Disandro sofre um atentado com explosivos em seu domicílio em La Plata, que é atribuído aos Montoneros. Apesar da destruição, o professor consegue sair ileso. A CNU promete vingança²⁷.

22 Veja o texto completo em *El Humanismo Político del Justicialismo*:

<http://www.lucheyvuelve.com.ar/vigencia/humanismojusticial.htm>

23 *Los heraldos negros* refere-se ao poema de César Vallejo, com clara vinculação ao mal na poesia (os reinos da noite).

24 Refiro-me ao falecido Federico Pippo, ex-CNU e professor de Letras da UNLP, discípulo de Disandro, um dos principais acusados do terrível assassinato de sua esposa, Oriel Brian, em City Bell, em 1984.

25 *Quem é quem na CNU de La Plata: Diario Miradas al Sur*, 17/7/2011: <http://sur.elargentino.com/notas/quien-es-quien-en-la-cnu-de-la-plata>

26 *Os capangas da ultradireita começam a pagar por seus crimes. Miradas al Sur*, 21/11/2010: <http://sur.elargentino.com/notas/los-matones-de-ultraderecha-que-empiezan-pagar-por-sus-crimenes>

27 *Diario El Día*, 8/8/1975.

Durante a ditadura militar de 76/83, Disandro continuou ministrando suas aulas na Universidade e trocando com intelectuais afins, inclusive com membros das Forças Armadas que lhe tinham simpatia ou o viam como uma figura curiosa, ou funcional.

Em 1977 escreve e profere uma conferência sobre o conflito no Canal de Beagle com o Chile, no Instituto de Cultura Clássica “Leopoldo Lugones”, de Buenos Aires. Ali Disandro retoma suas ideias sinárquicas, mas a partir de um ponto de vista geopolítico, no qual os Estados Unidos aparecem como eixo expansivo do mal a ser neutralizado. Em suas palavras ressoam as ideias de A interpretação europeia de Donoso Cortés, de Carl Schmitt²⁸, a quem Disandro praticamente plagia a partir de uma interpretação argentino-hispanista-antártica de Donoso Cortés: “...Nesses sucessivos espaços geopolíticos que se configuram como zonas orgânicas devemos compreender nossa guerra da independência e devemos traçar nossa própria geopolítica fundacional à margem da união dos bárbaros, falsamente convertidos; à margem das pressões da direita soviética e da esquerda ianque, à margem também do Concílio Vaticano II que dá por abolidos os fundamentos teológicos da cristandade; à margem das multinacionais que abatem as soberanias congruentes dos Estados, suas virtudes prudentes e eficazes, para instaurar uma sociedade mundialista sem justiça internacional. Tais são, pois, os capítulos de uma vasta empresa geopolítica que nos espera... Geopoliticamente a Argentina perde em uma série interminável de dilacerações que chegam ao atual arbitramento do Beagle. A quarta fase corresponde, enfim, às tensões entre o movimento nacional e o movimento sinárquico, que alcançou sua máxima eficácia concentracionista e sua máxima expansão operativa na derrota do Império. Entramos, enfim, na quinta fase, da qual depende agora a continuidade da Nação Argentina. A direção de nossa geopolítica será forçosamente contraposta à dos EUA, na mesma medida em que estes são bárbaros que irrompem e confundem a

28 Carl Schmitt, *Interpretação europeia de Donoso Cortés*, Editorial Struhart, 2006.

unidade do Império, enquanto nós somos Império romano, império espanhol, Igreja de Niceia onde a Espanha triunfa por meio de um bispo de nome grego. E aí também está o signo fatal dos EUA: impedir que a América recolha a sucessão imperial, impedir que a Europa retorne à sua tensão connatural de romanidade e germanidade para dominar o bárbaro das estepes... A guerra da independência sugere nessas instâncias três motivos fundamentais, que desentranham o sentido de seu desdobramento: 1) combater o ecumenismo sinárquico que é a morte do Graal, o desprezo dos hiperbóreos, a ciência dos atlantes. 2) replegar as tensões do hemisfério norte, que perderá irremediavelmente o cetro histórico. 3) reabrir o combate do império pelo Atlântico Sul, que nos abra o acesso definitivo ao eixo polar...”²⁹.

Em 1984, o pinochetismo distinguiu Carlos A. Disandro como professor extraordinário e honorífico da Universidade Católica de Valparaíso. Nesse mesmo ano, a Universidade Nacional de La Plata devia referendar expressamente aqueles docentes que vinham da Ditadura. É assim que o decano da Faculdade de Humanidades, José Panettieri, não referenda a continuidade de Disandro à frente de sua cátedra. De todo modo, embora tenha deixado o ensino, continuou publicando opúsculos que, a essa altura, já ninguém lia.

Carlos A. Disandro faleceu em 25 de janeiro de 1994, em solidão. Ao seu enterro no cemitério de La Plata, em pleno menemismo, compareceram vários de seus arautos. Dizem que se despediram erguendo o braço em riste, imitando o gesto do führer.

Seu epitáfio se resume em um de seus versos: “... e foi engolido pela escuridão da qual provinha...”

²⁹ Carlos A. Disandro, *A geopolítica, uma ciência humanística*. Ediciones Independencia y Justicia, Córdoba, Argentina, 1980. Ver: http://es.metapedia.org/wiki/La_Geopol%C3%ADtica,_una_ciencia_human%C3%ADstica